

Historiadores de Campinas

Acaba de surgir mais um volume da História da Cidade de Campinas, fardo de responsabilidade intelectual e financeira que o Jolumá Brito vem carregando, sozinho, há vários anos. Dizer, simplesmente, que o novo tomo de uma obra está em circulação, pouco ou quase nada esclarece à consciência desavisada dos leitores. O essencial, para compreender o sentido mais profundo de um empreendimento dessa ordem, é viver a luta dos bastidores — isto é, depois de concluído o labor de pesquisa e de elaboração intelectual, conhecer o drama de quem procura, neste país, publicar um livro.

Os editores de obras alheias estão cada vez mais raros. Salvo os autores consagrados cujos livros têm, geralmente, enderêço certo em determinadas camadas do público leitor, os demais ficam à margem, na expectativa de que algum dia possam ver em letra de fôrma tudo o que foi, antes, dias de estudos e noites de vigília e insônia. O elevado custo do papel e a ascensão inexorável da mão de obra têm elevado a culminâncias o trabalho das empresas de artes gráficas. Os livros vão sendo cotados por preços proibitivos, as editoras de obras de ficção ou técnicas aprimoram-se nos seus engenhos financeiros e contabilísticos para conseguir manter a programação anual de determinado número de títulos, — mas assim mesmo começamos a perceber que o livro, neste país de escassa alfabetização, passa a ser objeto de luxo, apenas ao alcance dos afortunados.

Ora, tudo isto tem conspirado contra Jolumá Brito, que ao lançar o 17.º volume de sua História da Cidade de Campinas já está de língua preta, cansado da tarefa que, civicamente, se propôs realizar. O milheiro de exemplares da tiragem inicial, está representado, agora, por pouco mais de quinhentos. E' que muitos dos assinantes de sua obra, mudaram-se, perdendo contacto com o escritor; alguns, em virtude do alto custo do livro, desistiram; outros, levados pela morte, lá se foram a contar para os anjos o que faz de sacrifício heróico e patriótico, neste vale de lágrimas, o teimoso e impávido Jolumá Brito...

Há um ano, por ocasião da entrega do Prêmio Castro Alves no gabinete do Prefeito, discursando, tive ocasião de dizer a Miguel Vicente Cury, que é espírito de tantas ressonâncias magníficas, o que poderia ele fazer em proveito da cultura campineira. Citei-lhe o drama de nossos escritores — poetas e prosadores que mereceriam maior soma de zelos e carinhos de uma administração lúcida, sensível aos problemas da inteligência. A criação de prêmios literários embora cíclicos, o estímulo de vocações intelectuais, e a publicação, custeada pelos cofres municipais, de livros de nossos cronistas e historiadores, dariam a Campinas, no largo panorama da cultura brasileira, uma posição de inegável proeminência. Por que não se reeditam os livros de Leopoldo Amaral, há tanto tempo esgotados? Que razões existem para que se não levantem dos rodapés do "Estado" e do "Correio Paulistano", dando-lhes a perenidade do livro, as crônicas de Pelágio Lôbo sobre gente e coisas de Campinas? E os trabalhos, sem dúvida significativos, de José de Castro Mendes? E Jolumá Brito?

As arcas municipais, com a receita adiposa que possuímos, não andam tão vazias que impossibilitem as tarefas de estímulo às coisas do espírito. O chefe do Executivo, que é indiscutivelmente homem de sensibilidade para os problemas de ordem geral, com seu itinerário enriquecido de largas experiências humanas, não pode repetir aos intelectuais campineiros o "non" amargo e definitivo do Padre Vieira — aquêle "non" que de qualquer forma, mesmo virado às avessas, era sempre um "non" duro, sêco e inapelável. Alguém na sua comuna, sob sua liderança, há de cuidar de coisas expressivas como esta História da Cidade de Campinas, que tenho nas mãos, e que é, não duvidem os céticos, tão importante como aquêle viaduto de cimento e aço que infla de orgulho o peito de uma geração.